



BAKHTIN E A FILOSOFIA DO SIGNO

BRUTTI, Tiago Anderson¹

Resumo

Nesta composição textual a respeito da filosofia do signo, do modo como ela é apresentada por Mikhail Bakhtin na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, articula-se a compreensão do filósofo no que respeita aos termos: signo, ideológico, significação, consciência, palavra, psiquismo, pensamento, introspecção, observação exterior e discurso interior.

Palavras-chave: Filosofia Russa. Signo. Linguagem.

Introdução

Formaliza-se, aqui, uma composição textual a respeito da filosofia do signo, do modo como ela é articulada por Mikhail Bakhtin na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trata-se, antes de tudo, de uma exposição a respeito dos sentidos em que o filósofo entende os termos: signo, ideológico, significação, consciência, palavra, psiquismo, pensamento, introspecção, observação exterior e discurso interior.

Revisão de literatura

Bakhtin apresenta uma singular compreensão de ideologia². Para ele, um produto ideológico, tal como ocorre com um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo, integra, também, uma determinada realidade, seja ela natural ou social. Um produto ideológico, contudo, difere de outros produtos porque também reflete e refrata uma outra realidade que lhe é, por assim dizer, exterior. O que é ideológico, nesse sentido, implica um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outras palavras, tudo que é ideológico é, ao mesmo tempo, um signo³ (2006, p. 29).

¹ Professor na Universidade de Cruz Alta, doutorando em Educação nas Ciências e bolsista CAPES. Contato: tbrutti@unicruz.edu.br.

² Diferentes ideologias entabulam entre si relações dialógicas e disputas pelos sentidos. A ideologia corresponde à expressão, à organização e à regulação das relações histórico-materiais dos homens, ela pode ser equiparada a uma dupla face "que faz com que o signo se mantenha na história e também se transforme na interação verbal" (2009, p. 59-60).

³ Tudo que é ideológico é, também, signo: "[...] o signo não se constitui fora de uma realidade material, mas reflete e refrata outras realidades [...] somente emergem e podem existir dentro da interação social, adquirindo significação dentro de uma realidade material e concreta [...] comportam em si índices de valores que espelham e constituem os sujeitos que os utilizam e a realidade social por onde circulam" (2009, p. 93).



Existe, de acordo com o filósofo russo, um universo particular ao lado dos fenômenos naturais, do material tecnológico e dos artigos de consumo. Trata-se do universo dos signos. Os signos, segundo o filósofo, também são objetos naturais, porém comportam características específicas. Por essa perspectiva, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, com isso, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo tanto pode distorcer a realidade como ser-lhe fiel ou apreendê-la de um ponto de vista específico. Os signos estão sujeitos, pois, aos critérios de avaliação ideológica, isto é, se são verdadeiros, falsos, corretos, justificados, bons etc. Entende-se, desse modo, que são mutuamente correspondentes o domínio do signo e o domínio do ideológico. Ou seja, os signos são encontrados onde também se encontra o ideológico (p. 30).

Os signos, para Bakhtin, emergem do processo de interação entre as consciências individuais. Forma-se, com isso, uma cadeia ideológica. Repleta de signos, a própria consciência individual só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico). Ou seja, ocorre tão somente no processo de interação social. O ideológico, enquanto tal, não pode ser explicado em termos de raízes supra ou infra-humanas. O lugar do ideológico é o material social particular de signos criados pelo homem. A especificidade do ideológico reside, então, no fato de que ele se situa e é o meio da comunicação entre indivíduos organizados (p. 32-33).

É apenas no terreno interindividual que os signos aparecem. Na compreensão do filósofo, esse terreno, contudo, não poder ser considerado simplesmente "natural", no sentido usual da palavra, pois não seria suficiente deixar frente a frente dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituíssem. Para que um sistema de signos possa ser constituído, é necessário, antes de tudo, que esses dois indivíduos estejam organizados socialmente, formando um grupo ou uma unidade social. A consciência individual, nesse sentido, não explica o meio ideológico e social, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada por esse meio. A consciência individual é, pois, para Bakhtin, um fato sócio-ideológico. Em outras palavras, a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Nada sobra se a consciência for privada de seu conteúdo semiótico e ideológico, pois a imagem, a palavra, o gesto significante, constituem seu único abrigo. Desconsiderado esse material, resta apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que somente os signos podem lhe conferir (p. 33-34).



A palavra⁴ não é, para Bakhtin, somente o signo mais indicativo, mas, também, um signo neutro em relação a qualquer função ideológica específica. A palavra, enquanto signo, pode preencher, pois, qualquer espécie de função ideológica, seja ela estética, científica, moral ou religiosa. Ela é o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana. Em que pese ser a palavra, assim como um signo, resultado do consenso entre os indivíduos, ela é, ao mesmo tempo, produzida pelos próprios meios do organismo individual, sem recurso a um material extracorporal. A palavra pode, então, ser entendida como o material semiótico da vida interior, da consciência ou discurso interior. A consciência, na compreensão do filósofo, não poderia ter se desenvolvido não fosse esse material flexível e veiculável pelo corpo que a palavra constitui. Nesse sentido, a palavra é, por assim dizer, utilizável como signo interior, ou seja, pode funcionar como signo sem expressão externa. Não é por outro motivo que o problema da consciência individual, entendido como problema da palavra interior, constitui uma das questões fundamentais da filosofia da linguagem (p. 35).

Bakhtin entende que os fenômenos ideológicos, sejam eles um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano, não podem operar em seus processos de compreensão sem a participação do discurso interior. Todavia, não seria possível exprimir adequadamente em palavras, por exemplo, uma composição musical ou uma representação pictórica. Além disso, não existiria um substituto verbal adequado para o mais simples gesto humano. Tratar-se-ia, para o filósofo, de um racionalismo e simplismo grosseiros negar essa realidade. Em que pese nenhum desses signos ideológicos possa ser substituído adequadamente por palavras, cada um deles, porém, se apoia e é acompanhado nas e pelas palavras. Ou seja, a palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de

⁴ No que respeita à compreensão de Bakhtin acerca da palavra, ela pode ser considerada um fenômeno ideológico. Trata-se de "uma parte da realidade material, e se relaciona, portanto, diretamente com a realidade, quando se transmuta em signo e adquire significação [...] a palavra se posiciona sempre na relação eu-outro [...] carrega de um para o outro o ponto de vista único de cada um, e que vai constituir o outro, me constituindo [...] no início, a palavra social se torna palavra interior, quando se relaciona diretamente com o psiquismo, concretizando-se como a base da vida interior [depois] ganha novamente um caráter refratário, inserida no seio social como uma palavra exterior, caracterizando e permeando as diferentes formas de interação verbal [...] por estar diretamente envolvida nas relações humanas, [a palavra] é o indicador mais sensível das transformações sociais, contendo em si as lentas acumulações que ainda nem ganharam visibilidade ideológica, mas que já existem" (2009, p. 84-85). A palavra se apresenta no terreno interindividual, isto é, não pertence apenas ao falante ou autor, "mas também ao ouvinte [...] àqueles 'cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor [...] é um drama do qual participam três personagens'" (2010, p. 84).



interpretação, como uma presença obrigatória e como fenômeno acompanhante (p. 36).

Nessa perspectiva, a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político. Na compreensão de Bakhtin, as palavras são tecidas a partir de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. A palavra é o indicador mais sensível das transformações sociais, ela é capaz de registrar as fases transitórias mais efêmeras, mesmo daquelas que somente agora despontam ou que ainda não tomaram forma, não tendo aberto caminho para sistemas ideológicos bem estruturados. A palavra constitui, pois, o meio no qual se produzem lentas acumulações de mudanças que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. O filósofo argumenta que as relações de produção e a estrutura social e política que delas deriva determinam os contatos verbais possíveis entre indivíduos, as formas e os meios de comunicação verbal, seja no trabalho, na vida política ou na criação ideológica (p. 40-41).

Todo signo, acentua Bakhtin, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Deste modo, as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social dos indivíduos como pelas condições em que a interação acontece. Ao se modificarem essas formas, alteram-se, também, os signos. Todo signo ideológico, realizando-se no processo da relação social, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinado (p. 42-45).

O signo se debilitará, assevera o filósofo, caso ele for considerado à margem da luta de classes. Ou seja, não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade. Aquilo mesmo que, contudo, torna o signo ideológico vivo e dinâmico, faz dele um instrumento de refração e de deformação do ser. A fim de abafar a luta dos índices sociais de valor e de tornar o signo monovalente, a classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe. Todo signo ideológico vivo tem, como o deus Jano da mitologia romana, duas faces. Assim, também, toda crítica viva pode tornar-se elogio e toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras. Nas épocas de crise social e de comoção revolucionária é que essa dialética interna do signo se revela. Oculta em todo signo ideológico, essa contradição não é descoberta nas condições habituais



da vida social porque na ideologia dominante estabelecida o signo ideológico é sempre reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia. Nos limites da ideologia dominante, esse é o caráter refratário e deformador do signo ideológico (p. 46).

A consciência, como já se afirmou neste texto, constitui, nos termos de Bakhtin, um fato sócio-ideológico. Fato não acessível a métodos tomados de empréstimo à fisiologia ou às ciências naturais. Com efeito, o funcionamento da consciência não pode ser reduzido a alguns processos que se desenvolvem no interior de um organismo vivo. Os processos que, no essencial, determinam o conteúdo do psiquismo, não se desenvolvem no organismo, mas fora dele, apesar de o organismo individual participar deles (p. 47).

Bakhtin entende que o psiquismo subjetivo localiza-se no limite do organismo e do mundo exterior. Localiza-se na fronteira dessas duas esferas da realidade. Nessa região limítrofe é que se dá o encontro entre o organismo e o mundo exterior. Esse encontro não é, contudo, físico, pois o organismo e o mundo encontram-se no signo. Se perdêssemos de vista a significação da palavra, perderíamos, também, a própria palavra. Nessa condição, a palavra ficaria reduzida à sua realidade física acompanhada do processo fisiológico de sua produção. Ora, o que faz da palavra uma palavra é sua significação, assim como o que faz da atividade psíquica uma atividade psíquica é, da mesma forma, sua significação. Abstraindo a significação, perdemos, ao mesmo tempo, a própria substância da vida psíquica interior (p. 48).

Para Bakhtin, Dilthey e a corrente idealista da psicologia interpretativa privam de todo sentido, de toda significação, o mundo material em benefício de um "espírito" fora do tempo e do espaço. Na compreensão do filósofo, a significação constitui, isso sim, a expressão da relação do signo, como realidade isolada, com uma outra realidade, por ela substituível, representável, simbolizável. Em outras palavras, a significação é a função do signo. É impossível, pois, representar a significação, enquanto propriedade puramente relacional, à parte do signo, como algo independente e particular. Por essa via, não somente a atividade mental é expressa exteriormente com a ajuda do signo, assim como nos expressamos para os outros por palavras, mímica ou qualquer outro meio, mas, ainda, ela só existe, para o próprio indivíduo, sob a forma de signos (p. 50).



A filosofia burguesa, acentua Bakhtin, ainda não soube solucionar apropriadamente o problema da psicologia e o da ideologia. Os dois problemas, segundo o filósofo, devem ser tratados conjuntamente, havendo uma só e mesma chave que nos dá o acesso objetivo a essas duas esferas. A chave é a filosofia do signo, a filosofia da palavra, a filosofia da linguagem, enquanto signo ideológico por excelência. O signo ideológico é, assim, o território comum, tanto do psiquismo quanto da ideologia. Trata-se de um território concreto, sociológico e significante. É sobre esse território que se deve operar a delimitação das fronteiras entre a psicologia e a ideologia (p. 56).

Nos termos da filosofia do signo, todo conteúdo ideológico, seja qual for o código pelo qual ele é veiculado, pode ser compreendido e, por conseguinte, psiquicamente assimilado, isto é, ele pode ser produzido por intermédio do signo interior. Assim, também, todo fenômeno ideológico, ao longo do processo de sua criação, passa pelo psiquismo obrigatoriamente. Qualquer que seja sua natureza, todo signo ideológico exterior fica imerso nos signos interiores e nesse território continua a viver, porquanto a vida do signo exterior é constituída por um processo sempre renovado de compreensão, de emoção, de assimilação, isto é, por uma integração reiterada no contexto interior. Por essa perspectiva, o pensamento que existe apenas no contexto de minha consciência, não sendo reforçado no contexto da ciência, como sistema ideológico coerente, é apenas um pensamento obscuro e inacabado. No contexto de minha consciência, esse pensamento, contudo, toma forma pouco a pouco, apoiando-se no sistema ideológico, porquanto ele próprio foi construído pelos signos ideológicos assimilados anteriormente (p. 57).

O social está em correlação com o natural. Por natural, Bakhtin entende não o indivíduo enquanto pessoa, mas o indivíduo biológico natural. Por sua vez, o indivíduo, enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, autor dos seus pensamentos e personalidade responsável por seus pensamentos e desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente sócio-ideológico. O conteúdo do psiquismo individual é, pois, tão social quanto a ideologia. A própria etapa em que o indivíduo se conscientiza de sua individualidade e dos direitos que lhe pertencem é ideológica, histórica e internamente condicionada por fatores sociológicos. Com efeito, todo signo, inclusive o da individualidade, é social por natureza, tanto o exterior quanto o interior (p. 58).



Na compreensão do filósofo russo, o pensamento de caráter cognitivo materializa-se em minha consciência apoiando-se no sistema ideológico de conhecimento que lhe for apropriado. Nesse sentido, meu pensamento, desde a origem, pertence ao sistema ideológico e é subordinado a suas leis. Entretanto, ao mesmo tempo, ele também pertence a um outro sistema único e igualmente possuidor de suas próprias leis específicas: o sistema do meu psiquismo. O caráter único de tal sistema não é determinado somente pela unicidade de meu organismo biológico, mas pela totalidade das condições vitais e sociais em que esse organismo se encontra colocado. Para estudar meu pensamento, o psicólogo deverá promover, então, uma abordagem orientada para essa unicidade orgânica de minha individualidade e para essas condições específicas de minha existência. Por sua vez, o ideólogo, ao contrário, não deverá se interessar por esse pensamento a não ser que ele esteja inscrito de maneira objetiva no sistema de conhecimento. Por essa compreensão, quanto mais estreitamente ligado à unicidade do sistema psíquico o signo interior estiver e quanto mais fortemente determinado pelo componente biológico e biográfico, mais ele se distanciará de uma expressão ideológica bem definida. Contudo, em compensação, o signo interior é libertado, por assim dizer, do contexto psíquico que o paralisa na medida em que é realizado e formalizado ideologicamente (p. 59).

É nesse terreno que reside, conforme Bakhtin, a diferença entre os processos de compreensão do signo interior, isto é, da atividade mental, e do signo exterior, puramente ideológico. Compreender significa, no primeiro caso, relacionar um signo interior com a unicidade dos outros signos interiores, ou seja, apreendê-los no contexto de um psiquismo. Trata-se, no segundo caso, de apreender um signo no contexto ideológico correspondente. Sem compreender o conteúdo semântico de um pensamento, o psicólogo não pode determinar-lhe um lugar no contexto do psiquismo em questão. Se ele abstrai o conteúdo semântico desse pensamento, ele não lidará mais com um pensamento, com signos, mas com um simples processo fisiológico de realização de um certo pensamento, de um certo signo, no organismo. Nesses termos, a psicologia cognitiva deve apoiar-se em uma teoria do conhecimento e na lógica. Já a psicologia, em seu conjunto, deve apoiar-se na ciência das ideologias, e não o contrário (p. 59-60).

Bakhtin, no que respeita à introspecção, entende que ela pode ser orientada de tal modo tendente a uma auto-objetivação ética e de costumes. O signo interior,



nesse caso, é integrado num sistema de apreciações e normas éticas. Ou seja, é compreendido e explicado sob esse ângulo. A introspecção pode, no entanto, assim como os processos cognitivos, tomar outros caminhos. Em todas as condições, a introspecção, contudo, se esforça por explicitar ativamente o signo interior, para levá-lo a um maior grau de clareza semiótica. O processo atinge seus limites tão logo o objeto da introspecção se torna suficientemente compreensível, tão logo ele se torna objeto da observação exterior (p. 61-62).

A filosofia do signo de Bakhtin reconhece ser impossível, na análise de um caso concreto, traçar uma fronteira precisa entre os signos interiores e exteriores, entre a introspecção e a observação exterior. Um comentário ininterrupto é fornecido na observação exterior, tanto semiótico quanto concreto, a respeito dos signos interiores, na medida em que eles são decodificados. O comentário concreto ocorre em todas as ocasiões. Por essa perspectiva, a compreensão de cada signo, interior ou exterior, efetua-se em ligação estreita com a situação em que ele toma forma. Mesmo no caso da introspecção, essa situação apresenta-se como a totalidade dos fatos que constituem a experiência exterior, que acompanha e esclarece todo signo interior. Trata-se sempre de uma situação social. Ou seja, a introspecção, entendida como orientação da atividade mental no interior da alma, não pode ser separada da realidade de sua orientação numa situação social dada (p. 62).

É no horizonte dessa compreensão que o signo e a situação social na qual está inserido se ligam indissolúvelmente. Para Bakhtin, o signo não pode ser separado da situação social sem ver alterada sua natureza semiótica. O problema do signo interior constitui, no entender do filósofo, um dos problemas fundamentais da filosofia da linguagem, pois o signo interior por excelência é a palavra, o discurso interior. O problema do discurso interior é, pois, de natureza filosófica. Ele se encontra no cruzamento dos caminhos da psicologia e das ciências ligadas à ideologia. Ele só pode ser resolvido, metodologicamente, no terreno da filosofia da linguagem enquanto filosofia do signo (p. 62).

Na compreensão do filósofo, somente a explicitação das formas que as enunciações completas tomam e, em particular, as formas do discurso dialogado, pode esclarecer as formas do discurso interior e a lógica particular do itinerário que elas seguem na vida interior. A palavra deve ter nascido e se desenvolvido no curso do processo de socialização dos indivíduos para ser, em seguida, integrada ao organismo individual tornando-se fala interior. Todavia, também é verdade que não



há signo exterior sem signo interior. Se o signo exterior fosse incapaz de penetrar no contexto dos signos interiores, ou seja, de ser compreendido e experimentado, ele cessaria de ser um signo e se transformaria em uma coisa física. O signo ideológico tem vida na medida em que ele se realiza no psiquismo e, reciprocamente, a realização psíquica se alimenta do suporte ideológico. A atividade psíquica equivale, seguindo esse raciocínio, a uma passagem do interior para o exterior. O processo é inverso no caso do signo ideológico. O psíquico goza, pois, de extraterritorialidade em relação ao organismo: é o social infiltrado no organismo do indivíduo. Por seu turno, tudo que é ideológico é extraterritorial do domínio socioeconômico, já que o signo ideológico, situado fora do organismo, penetra o mundo interior para realizar sua natureza semiótica (p. 63-64).

Existe entre o psiquismo e a ideologia, segundo Bakhtin, uma interação dialética⁵ que não se dissolve. Nesse sentido, o psiquismo se oblitera para se tornar ideologia e vice-versa. O signo interior deve libertar-se de sua absorção pelo contexto psíquico, deve parar de ser experimentado subjetivamente para se tornar signo ideológico. O signo ideológico deve, por sua vez, integrar-se no domínio dos signos interiores subjetivos, deve ressoar tonalidades subjetivas para permanecer um signo vivo e evitar o estatuto honorífico de uma incompreensível relíquia de museu (p. 64-65).

Considerações finais

Nos termos da filosofia do signo, tal como Bakhtin a explicita (p. 66), em toda enunciação⁶, por mais insignificante que pareça, a síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre a vida interior e a vida exterior, é renovada sem cessar. Em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de descodificação que deve, mais cedo ou mais tarde, provocar uma codificação em forma de réplica. Cada palavra, por essa perspectiva, se apresenta como uma arena

⁵ A relação dialética, percebida constantemente na cotidianidade, equivale, na compreensão de Bakhtin, a uma "relação de forças contrárias que se fundem criando uma nova força ou criando a relação de dominação de uma sobre a outra" (2010, p. 18).

⁶ A esse respeito: "Na realidade, o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. A enunciação é de natureza social" (2006, p. 111). E mais: "A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística" (p. 124).



em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, assim, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais. Desse modo, o psiquismo e a ideologia se impregnam mutuamente no processo único e objetivo das relações sociais.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

GEGE, Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. *Palavras e contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

_____. *Palavras e contrapalavras: conversando sobre os trabalhos de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.